

Os ministérios na Bíblia

Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo

RESUMO

A vida ministerial na igreja nasce em Jesus Cristo. Jesus Cristo é o início e o ponto de chegada da vida ministerial da Igreja. Para a missão da Igreja, os Dons do Espírito Santo são derramados para todos no batismo. Este mesmo Espírito presente no novo testamento é quem designa a trajetória da Igreja. Portanto, o Espírito Santo não está para o individualismo, mas para o bem da Igreja em todo o mundo.

Palavras-chave: Igreja, Ministérios, Dons, Carismas.

ABSTRACT

The ministerial life in the church was born in Jesus Christ. Jesus Christ is the beginning and the arrival point of the ministerial life of the Church. For the mission of the Church, the Holy Spirit spills spiritual gifts for everyone through the baptism. This very spirit making presence in the New Testament is the guide to point the Church path. Therefore, the Holy Spirit is to the Church all of the world instead of belonging to one person.

Key-words: Church, Ministries, Gifts, Charismas.

INTRODUÇÃO

Nos primeiros séculos da era cristã não existe uma explícita reflexão teológica sobre os ministérios, sobre o seu fundamento e sobre a sua natureza. O que se pode dizer com certeza ,é que os ministérios na Igreja, não surgiram e não surgem a partir de uma iniciativa humana, mas partem

da inspiração do Espírito Santo respondendo à necessidade da Igreja no tempo e na história.¹

A instituição dos 12 apóstolos marca os primeiros passos do ministério de Jesus.² Este primeiro ato de Jesus estabelece um estreito vínculo entre si e a Igreja, de tal modo que um manifesta o outro. Em torno dos apóstolos Jesus configura a sua Igreja, lhe concede os sinais sacramentais e a envia ao mundo, como continuadora da sua missão. O primeiro ato institucional da Igreja é a eleição de Matias para o lugar de Judas Iscariotes (cf. At 1,15-26), restabelecendo o grupo dos 12, conforme desejara o Senhor. Toda atividade da Igreja nascente acontece sob a ação do Espírito Santo. Este elemento carismático configura a Igreja e lhe concede os bens necessários para a sua missão.

Quanto à organização das primeiras comunidades não existe uma terminologia técnica. A Igreja é apresentada como uma casa bem organizada, ou como um rebanho com o seu pastor. Os nomes para indicar funções são genéricos: dirigentes (Hb 13,17), guias e fatigantes (1Ts 5,12), anciãos (presbíteros), bispos, ministros (diáconos).³ No geral, os estudiosos de Bíblia evidenciam a diferença entre os ministérios descritos nas Cartas Paulinas (1Ts, 1-2Cor, Gl, Rm) e dos Atos dos Apóstolos e Cartas Pastorais.⁴ Tal variedade de funções e nomes evidenciam o dinamismo e criatividade das primeiras comunidades.

Paulo vê na Igreja uma grande “*diversidade de ministérios* [diaconia]” (1Cor 12,5), fruto da abundância dos dons e carismas derramados pelos Espírito Santo sobre a comunidade de batizados. Paulo não está preocupado na distinção entre os diversos ministérios presentes na comunidade. Na realidade, ele acentua a origem dos dons e sua utilidade para a edificação do “Corpo de Cristo” que é a Igreja.

O livro dos Atos dos Apóstolos e as Cartas Católicas procuram apresentar o primeiro exemplo de ministério instituído com a finalidade de responder

¹ ENRICO CATTANEO, *Ministeri nella Chiesa Antica*, Paoline Milano 1997, 200.

² Cf. PAPA BENTO XVI, *Os Apóstolos, uma introdução às origens da fé cristã*, Ed. Pensamento, São Paulo 2008, p. 14.

³ ENRICO CATTANEO, *Ministeri nella Chiesa Antica*, 50-51.

⁴ ENRICO CATTANEO, *Ministeri nella Chiesa Antica*, 51.

as exigências da missão evangelizadora.⁵ Tal iniciativa talvez se inspire na tradição de Ex 18, no qual Moisés institui juizes para atender a necessidade do povo. De qualquer maneira, podemos sentir tal inspiração na instituição dos sete diáconos (cf. At 6,1-7).

Na pessoa de Cristo ,se concentram todas as instituições e ministérios do AT, ou Antiga Aliança e d'Ele partem as novas. É interessante perceber como de um lado, o NT atribui a Jesus as funções fundamentais da Antiga Aliança, ou seja, profeta, sacerdote e rei; e de outro, todos os principais ministérios da Igreja nascente: apóstolo do Pai, profeta, mestre, diácono, bispo. A partir disto, já somos capazes de tirar uma conclusão: Cristo é o modelo de cada ministério que tem a sua origem na vontade salvífica do Pai. Como o Pai enviou o Cristo, assim Cristo instituiu os apóstolos e os enviou, com a função de anunciar o Evangelho. A estes coube a responsabilidade de organizar a Igreja conforme nós a conhecemos hoje.

1Coríntios 12-14 é um bom exemplo de um primeiro esboço teológico da organização ministerial da Igreja. Paulo vê na Igreja uma grande diversidade de ministérios-diaconia (1Cor 12,5).

1. OS DONS E CARISMAS SEGUNDO O CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio Vaticano II ao tratar do tema «carisma» distingue dois conceitos diversos: a) dom extraordinário, dado por Deus de modo excepcional, e, b) dom qualquer, dado por Deus para a edificação da Igreja. O documento conciliar *Lumen Gentium* (capítulo1§4) falando da obra do Espírito na Igreja, expressa que: “A Igreja, que Ele conduz à verdade total (cfr. Jo. 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, Ele enriquece-a e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cfr. Ef. 4, 11-12; 1 Cor. 12,4; Gl. 5,22).”

Podemos perceber que o Documento salienta uma distinção entre dons hierárquicos e carismáticos. Igualmente no §7 que trata da Igreja como Corpo de Cristo, expressa em referência a 1Cor 12,1-11: «Assim como os membros do corpo humano, apesar de serem muitos, formam um corpo único, assim também os fiéis, em Cristo (cf. 1Cor 12,12). Também na edificação

⁵ ENRICO CATTANEO, *Ministeri nella Chiesa Antica*, p. 53.

do Corpo de Cristo há diversidade de membros e de funções. Único é o Espírito que para bem da Igreja (cf. 1Cor 12,1-11) distribui os seus vários dons conforme as suas riquezas e a necessidade de cada ministério (cf. 1Cor 12,1-11)... Ele (Cristo) distribui continuamente ao seu corpo, que é a Igreja, os dons dos diversos ministérios...». O Documento Conciliar especifica quanto a natureza dos carismas se tratam de dons funcionais. Temos assim, “atividade” e “serviço” que se relacionam e assumem a função de utilidade. Contudo, o dom é concedido para a *Utilidade da Igreja*, conforme 1Cor 12,7, entendendo Igreja como Corpo de Cristo, Luz para o Mundo ou Sacramento de Salvação.

A novidade do Concílio é a distinção entre “administração ordinária da graça” e “iniciativas novas”. Por “administração ordinária”, o Espírito se serve dos sacramentos e dos ministérios enquanto que, para “iniciativas novas” se serve dos carismas.

Podemos dizer que o carisma é por natureza funcional, não implicando diretamente na santificação de quem o possui⁶, subentendendo que esta utilidade não está exclusiva. A utilidade para a edificação da comunidade é o critério para julgar se um carisma é mais ou menos importante.

1Cor 12 nos apresenta duas listas de dons e carismas, ambas são complementares. Contudo, São Paulo faz referência aos ministérios (diakonia) e modos de ação (energêmata) que são atividades do próprio Deus, através do Espírito, tendo Jesus Cristo como modelo (cf. vv.5-6). Assim, os dons dados pelo Espírito não são para a glória pessoal de quem o recebe, ou oportunidade de sobrepor-se aos demais, mas representam a oportunidade para o ministério ou para o serviço à comunidade e através desta, o serviço a Deus. Todo serviço ou ministério parte de Deus e o resultado deste serviço converge para Deus.

Usando a imagem do corpo para especificar que todos os ministérios estão a serviço de um único corpo e nenhum membro é superior ao outro, exceto Cristo que é a cabeça, Paulo desenvolve uma hierarquia de serviço, segundo o grau de responsabilidade exigida pelo ministério. Assim, nos vv.27-28 nos é apresentado uma lista de funções em ordem decrescente: “em primeiro lugar, apóstolos;em segundo lugar, profetas;em terceiro lugar,

⁶ O único dom de santificação pessoal é o da glosolalia.

doutores... Vem, a seguir, os dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas.”

São Paulo nos deixa claro, no entanto, que tudo isto foi “*Deus que estabeleceu na Igreja e que Ele mesmo dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade*” (v.18). Conforme já falávamos acima, tudo parte da vontade de Deus, através do Espírito para a salvação da humanidade, modelado em Jesus Cristo através da Igreja. Como podemos observar, São Paulo pressupõe uma hierarquia de funções, nos deixando transparecer de imediato uma organização institucional da Igreja.

Todo dom e carisma na Igreja só podem ser válidos se estiverem unidos ao corpo, isto pressupõe um vínculo de unidade estreito e forte com a instituição. Afinal, esta é que será capaz de discernir e confirmar se o dom ou carisma o é de fato ou não. Isto é o que São Paulo fala de discernimento. Todo discernimento parte da cabeça, do local da razão, o ato de governo na Igreja é um ministério diretamente ligada a cabeça que é Jesus Cristo, ministério não de poder autoritarismo, mas de poder serviço, que auxilia o corpo a compreender a ação de Deus no meio dele; organiza o corpo afim de que a missão que foi confiada a cada um, para o bem do corpo, seja realizada plenamente.

SERVIÇO E AUTORIDADE

Todo ministério no NT tem como fundamento Jesus Cristo. O próprio Jesus Cristo nos mostra que o seu serviço e a sua autoridade são atos de amor que o leva a Kenosis (cf. Fl 2,6-11). A Kenosis de Jesus pode ser visto como modelo de serviço cristão. De fato, todo ministério no NT é um serviço generoso, um esvaziar-se afim de que Deus seja tudo.

Tomando como modelo a Kenosis de Jesus Cristo, podemos dizer que todo ministério é um serviço, ou melhor, numa linguagem bíblica, é uma diaconia. Jesus Cristo é o diácono do Pai: «*Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*» (Mc 10,45; cf. Rm 15,8). A diaconia por excelência de Jesus é justamente «dar a vida». Nisto está sintetizado todo o seu ministério. Na última ceia, Jesus se coloca à mesa «*como aquele que serve*» (Lc 22,27), recordando aos apóstolos que, enquanto comunidade, todos deverão estar a serviço uns dos outros.

DIACONIA

A diaconia não pode ser entendida somente no seu sentido estrito, ou seja, “servir à mesa”, pois ela possui sentido muito mais amplo, como aquele de mensageiro, de enviado e de assistência. A palavra diaconia era usada em contexto popular, se bem que formal, de poeta, predicador, filósofo, discurso religioso e indica uma função altamente honrosa.⁷ Contudo, a diaconia é sempre uma atividade realizada em nome e sob autoridade de um outro.

O conceito de diaconia é muito próximo do conceito de apóstolo. Este é precisamente um «enviado», ou seja, um que fala e age por mandato e sob autoridade de Jesus. Diferindo que apóstolo é comumente concebido como aquele que fazia parte do grupo dos 12 escolhidos pessoalmente pelo Senhor, à exceção de Paulo (Rm 1,1). O diácono como o apóstolo eram enviados com a função, principalmente de anúncio do Evangelho.

Paulo costuma aproximar os dois conceitos de apóstolo e diácono quando faz referência à sua missão: “*Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para o Evangelho de Deus... E a vós gentios, eu digo: enquanto apóstolo dos gentios, eu honro o meu ministério (diaconia)*” (Rm 1,1; 11,13). Segundo Paulo, é Deus que o tornou “*diácono de uma nova Aliança*” (2Cor 3,6).

Paulo exalta a dimensão do ministério enquanto serviço, ou de um modo mais preciso, Paulo exalta toda diaconia, e nos convida a nos apresentar como diáconos de Deus e sem censuras (cf. 2Cor 6,3-4). Paulo nos chama a atenção ainda, para os falsos apóstolos, para os falsos ministros, «*assim como o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz... não se surpreende que os seus servidores se transfigurem (ou se mascarem) em diáconos da justiça. Mas o fim destes, corresponderá às suas obras*» (2Cor 11,13-15). De resto, São Paulo afirma: «*Quem é, portanto Apolo? Quem é Paulo? Diáconos, pelos quais fostes levados à fé... Portanto, consideremos os homens como servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus*» (1Cor 3,5; 4,1).

Podemos afirmar que a diaconia é a estrutura interna de todo ministério da Igreja, pois o próprio Jesus cumpre o seu ministério como diácono do Pai.

⁷ Collins 1990, «A Ministry for Tomorrow's Church», in *Journ. Of Ecum. St.* 32(1995), 159-178.

AUTORIDADE

O conceito de serviço só pode ser bem compreendido se visto no seu aspecto complementar de autoridade e vice-versa. As comunidades neo-testamentárias tinham a seguinte concepção:

- a) Jesus é o Messias, enviado, com plena autoridade de Deus Pai (cf. Jo 3,31);
- b) Jesus escolheu apóstolos, discípulos e discípulas, como colaboradores da sua missão, aos quais lhes conferiu a sua autoridade recebida do Pai. Assim, os ministros enviados por Deus agem como embaixadores de Cristo, como se o próprio Deus agisse por meio deles (cf. 2Cor 5,20);
- c) Contudo, o revestir-se da autoridade divina, por parte dos apóstolos, discípulos e discípulas, não os diviniza, não os endeusa, concedendo-lhes uma autoridade no senso de poder despótico. Estes continuam homens/mulheres, servos uns dos outros, segundo o grau da missão ou ministérios a eles confiados.

Cada cristão é revestido de autoridade divina, mas permanecem como vasos de argila (cf. 2Cor 4,7), frágil na condição humana, reconhecendo plenamente a soberania de Deus e de seu Filho Jesus, como cabeça do corpo, que é da Igreja e do Espírito Santo.

Os termos Autoridade e Serviço, são no cristianismo, paradoxalmente complementários, a ação de um depende do outro. O seu maior exemplo é o próprio gesto de Jesus no lava-pés: *«Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar os pés uns dos outros... em verdade, em verdade, vos digo: o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado maior do que quem o enviou»* (Jo 13,13-16).

2. APÓSTOLOS-PROFETAS-MESTRES

Apóstolos

O NT tende a reservar o título de apóstolo exclusivamente ao grupo dos doze escolhidos por Jesus e companheiros do seu ministério terreno,

bem como testemunhas históricas do ressuscitado. Paulo alarga esta concepção, usufruindo do título para si mesmo, se autodenominando apóstolos dos gentios.

Na concepção paulina, apóstolo é concebido aos moldes da vocação profética, no senso de anunciar a Nova Lei. Assim, ele foi chamado diretamente por Deus (Rm 1,1; Gal 1,15) e se autodenominará: «*apóstolo (ou enviado) de Jesus Cristo*». Contudo, se na tradição paulina o título de apóstolo recebe uma conotação mais ampla, ela não deixa de lado a autoridade e a legitimidade do grupo dos doze apóstolos, tanto que ele mesmo, Paulo, recorre diversas vezes ao conselho dos 12 «*a fim de não correr, nem ter corrido em vão*» (Gl 2,2).

A autoridade como fundação e fundamento dos apóstolos (cf. Ap 21,14) é de tal modo constitutiva para a Igreja, que será presente em todos os escritos do NT. Recordar-se ainda a preocupação do NT em destacar dentro da comunidade dos 12, a figura de Pedro tendo primazia sobre os demais e estando os demais reunidos em torno a ele.

Profeta

A Igreja primitiva era convicta de ter recebido de Deus, através de Jesus, o Espírito profético prometido para os tempos escatológicos⁸. O próprio Jesus era visto por alguns, como continuador da tradição profética. Paulo atesta a presença de profetas nas comunidades por ele fundadas (cf. 1Ts 5,19-22; 1Cor 12-14). Lucas, por sua vez, liga o profetismo neo-testamentário com o Pentecostes (cf. At 2,1-4.16-18). Segundo Paulo, «*quem profetiza edifica a Igreja*» (1Cor 14,4).

A Igreja de Jerusalém e de Antioquia possuem o ministério de profeta (cf. At 11,27; 13,1). Contudo, o papel do profeta cristão dentro destas comunidades não é muito claro. Possivelmente, seguindo a tradição do AT os profetas exerciam o ministério da palavra. Além disso, os profetas com suas palavras, possuíam um ministério de exortação e de consolação (1Cor 14,3). Não falta porém, o aspecto da revelação ou conhecimento do oculto (1Cor 14,30), mesmo em referência ao futuro (1Cor 14,24-25).

⁸ Para o judaísmo, a profecia havia terminado em Israel, mas recomeçaria nos últimos tempos com o advento do Messias.

Em 1Tm 1,18 e 4,14 fala-se de profecia em referência à missão confiada por Deus a Timóteo. O Apocalipse de São João se apresenta como uma revelação profética a toda a Igreja (Ap 1,1-2). Em At 11,28, Ágabo anuncia uma eminente carestia durante o império de Cláudio César. A *Didaché* (Did 13[12]) fala das ofertas que são destinadas aos pobres entregues à responsabilidade dos profetas. Na *Didaché*, os profetas aparecem investidos de vários carismas, como o do ensinamento (mestre), do culto e da caridade.

O NT evidência a existência de mulheres profetas. A profetisa Ana servia o Senhor no Templo com jejuns e orações. Diante do menino Jesus ela eleva ações de graças a Deus e anuncia o menino “*a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém*” (Lc 2,36-38). Por outro lado, no Apocalipse de São João, Jesus reprova a comunidade de Tiatira por não se preocupar com a profetisa Jezabel que profere falsos ensinamentos.

Existiram três formas de ministério profético nas primeiras comunidades cristãs: o profeta itinerante, o profeta local e o profeta esporádico. A profecia esporádica aparece em Paulo como um carisma extensível a todos os membros da comunidade. O profeta local era aquele que possuía o carisma profético de modo permanente. Porém, era estável em uma comunidade (cf. At 13,1; 15,32). Alguns possuíam o carisma profético permanentemente e atuavam de modo itinerante circulando entre as diversas comunidades. As três formas de profetismo (itinerante, local e esporádico) perdurou durante todo o II sec. da era cristã.

A existência de falsos profetas foi motivo de preocupação para as primeiras comunidades. Jesus Cristo alerta os discípulos contra o perigo dos falsos profetas: “*guardai-vos dos falsos profetas... são lobos ferozes...*” (cf. Mt 7,15-20; 24,11.24). Em 1Jo o autor convida a “*examinar os espíritos para ver se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo*” (4,1). O livro do Apocalipse fala de um personagem chamado “falso profeta” que age em sintonia com Satanás (cf. Ap 16,13; 19,20 e 20,10). Os falsos profetas podem ter causado sérios problemas para as comunidades, principalmente para o anúncio do Evangelho.

Com o surgimento do “Montanismo”⁹ por volta de 171/173 d.C., o carisma profético obteve uma grande explosão. Na Igreja, se acende uma calorosa

⁹ Heresia surgida no II sec na Frigia, que afirmava uma encarnação do Espírito Santo, e viviam num extremo rigorismo moral. Havia duas mulheres, Priscila e Maximila, que eram

discussão sobre este carisma. Contudo, o fanatismo religioso do montanismo o conduziu ao ministério profético e ao descrédito. Irineu de Lion procurou salvaguardar o carisma profético, dizendo que a presença de falsos profetas não justificava uma rejeição generalizada do mesmo, pois este carisma é necessário para a Igreja. Mas, a progressiva rejeição conduziu o profetismo cristão ao descrédito e ao seu desaparecimento. A palavra profeta passou a ser usada somente em referência ao profetismo do AT. O dom continua atuante na Igreja, porém não como um ministério instituído.

Mestre

Os mestres cristãos possuem a sua origem na tradição dos mestres e escribas de Israel.

O próprio Jesus aparece como mestre no NT (cf. Mt 22,36 Lc 17,13; 19,39; Jo 8,4). Ele anuncia a Boa Nova e muitas vezes em uma aberta polêmica com os escribas judeus. É seguro que as primeiras comunidades cristãs possuíam certo número de pessoas cultas provenientes principalmente do farisaísmo. Estes deram uma grande contribuição à reflexão das Sagradas Escrituras, lidas à luz da ressurreição do Senhor e à transmissão do material evangélico.

Paulo, pessoalmente não se denomina um “*didáskolos*” ou “*rabi*”, mesmo tendo freqüentado a escola rabínica (cf. At 22,3; Fl 3,5; 1Tm 2,7, somente nesta passagem Paulo é chamado de «*doutor dos gentios*»).

Os verdadeiros mestres cristãos sabiam bem que jamais os seus alunos seriam seus discípulos, pois o único mestre por excelência, é o Senhor Jesus Cristo (cf. Mt 23,8). Os apóstolos, bispos e presbíteros exercem a função de mestres na comunidade cristã nascente e possuem a grande responsabilidade de conservar a pureza do “*Depósito da Fé*” recebido (cf. 1Tm 6,20; 2Tm 1,14). A tendência posterior é reservar o carisma de mestre aos bispos e presbíteros.

Leva-se em consideração que na comunidade paulina, a função de mestre, ou daquele que ensina possa ter sido exercido também por mulhe-

as porta-vozes proféticas de Montano e dizia que o Espírito Santo falava através delas. Nenhuma das suas profecias se realizaram.

res como nos apresenta At 18,26, no qual Priscila¹⁰ e seu marido Áquila se responsabilizam em aprofundar Apolo na doutrina cristã.

Concluindo, Paulo põe a trilogia apóstolo-profeta-mestre como fundamento dos ministérios pelo qual Deus há dotado a Igreja (1Cor 12,28). Contudo, se trata de uma trilogia de funções, não ministérios rigidamente distintos entre si hierarquicamente. Em efeito, as três funções não podem ser consideradas incompatíveis entre si, pois uma mesma pessoa podia possuir dois ou mais carismas. Apóstolo- profeta - mestre são igualmente ministérios dados pelo Espírito e são igualmente ministérios da Palavra. Uma possível diferença entre as três funções é que enquanto as funções de apóstolo e mestre podem ser exercidas a qualquer hora, o dom da profecia só pode ser exercido quando inspirado pelo Espírito. Pode-se dizer ainda que a diferença entre mestre e profeta consiste no seguinte: o profeta profere uma palavra de atualidade, enquanto que o mestre transmite um ensinamento continuado.

Embora apóstolo-profeta-mestre tenham exercido um importante papel na comunidade cristã nascente, estas funções não assumiram a forma de um ministério instituído, mas foram absorvidos nas funções instituídas de bispo e presbítero e em parte continuaram sob a forma de livre carisma.

3. BISPOS-PRESBÍTEROS-DIÁCONOS

Bispo

O bispo aparece no NT como participante e continuador do ministério apostólico, enquanto delegado ou estreito colaborador dos mesmos. Porém, os bispos permanecem subordinados aos apóstolos, assumindo eles mesmos, a direção de comunidades.

Não existe nas primeiras comunidades cristãs, uma clara distinção entre o bispo e o presbítero. Os dois nomes se aplicam às vezes, à mesma pessoa; enquanto presbítero indica um estado, uma dignidade, bispo denota uma função, um serviço, ou seja, aquela de direção, de governo, própria do ministério pastoral.

¹⁰ A presença de Priscila como teóloga, ou talvez possamos dizer, a primeira teóloga da Igreja, bem como as diversas ações confiadas por Paulo a tantas mulheres depõe contra o falso e equivocado conceito de um «machismo paulino».

Na realidade, o NT apresenta a comunidade dos 12 apóstolos organizada de forma colegiada, tendo o destaque para a figura de Pedro ao centro do grupo. Terminada a época apostólica, progressivamente os bispos foram assumindo a função de direção e governo das comunidades cristãs. Destaca-se que a Igreja de Roma assumiu progressivamente uma condição de destaque entre as demais comunidades, porque nesta haviam sido martirizados Pedro e Paulo e também pelo modo de governo desta comunidade. Muitas questões que encontravam dificuldades para serem resolvidas passaram a serem encaminhadas em última instância à apreciação do bispo de Roma.

Presbítero

Nas primeiras comunidades cristãs, como a de Jerusalém, aparece a figura do presbítero ou ancião. As primeiras referências são em At 11,30, onde os presbíteros recebem a coleta para a comunidade enviada por Barnabé e Paulo; depois, os encontramos no Concílio de Jerusalém (At 15,2.4.6.22ss; 16,4) e finalmente quando Paulo vai para Jerusalém se encontra com Tiago (At 21,18). Desta passagem somente em 11,30 e 21,18 os presbíteros são mencionados sem a presença dos apóstolos. Possivelmente, os presbíteros surgem como um conselho ao estilo dos conselhos sinagogais e assim, munidos de autoridade de decisão.

Os presbíteros organizados como conselho podem ter surgido como auxílio a Tiago em época posterior aos apóstolos. Além disso, os presbíteros aparecem em Tg 5,14-15, com a função de unção dos enfermos e remissão dos pecados.

A palavra presbítero, a partir do NT, conhece uma grande evolução, seja semântica como funcional. Somente a partir do final do II sec. d.C. passa a indicar um ofício eclesiástico de segundo grau, sob a autoridade e em estreita relação com o bispo. Aos presbíteros sempre foi reconhecido uma participação aos atos ministeriais própria do bispo, como o ensinamento, o batismo e a celebração eucarística, na presença ou na ausência deste. Somente a ordenação de outros ministros (diáconos, padres e bispos) ato que o bispo jamais delegou, mesmo que na ordenação presbiteral, os padres exercem certa participação, porém não essencial.

Diácono

O termo diácono é, sem dúvida, abundante em todo o NT, porque designa o ministério apostólico da pregação ou serviço de assistência, além do que expressa o centro de todo ministério, ou seja, o serviço generoso sob a ordem do Senhor em prol dos outros, como o próprio Jesus o fez.

Jesus Cristo é chamado de «diácono do Pai», neste sentido todo ministério é uma diaconia no seu sentido genérico de serviço. A partir desta relação de Jesus com o Pai, podemos pensar o ofício episcopal em relação ao Pai e o ofício diaconal, senso próprio, em relação com o Filho. Nesse sentido seria errado pensar a trilogia bispo-padre-diácono como uma hierarquia descendente, pois os diáconos aparecem sempre no terceiro grau da ordem, eles estão em relação direta com o bispo, mas em modo diverso dos presbíteros. Existem casos em que os diáconos aparecem associados aos bispos e aos presbíteros como no ministério da Palavra, especialmente no contexto catequético.

Quanto à concessão do ofício ministerial de bispo, padre e diácono, a Igreja, desde o princípio, sempre exigiu a idoneidade do candidato. O candidato deve ser “irrepreensível” e não escrava das paixões (em especial do dinheiro, da ira e do sexo), não violenta, moderada e paciente e, acima de tudo, plena de fé e do Espírito Santo (At 6,5). Este exame do candidato demonstra que estes ministérios não eram concebidos apenas como um ato puramente funcional, mas o reconhecimento de um dom de graça operante.

Quanto à idade, nos primeiros três séculos, não existe uma indicação precisa. Os presbíteros, por definição não podiam ser jovens, isto pressupõe que só após os quarenta anos, para o episcopado, uma idade superior aos cinquenta. Mas, pastoralmente, num lugar onde não tinha muita escolha, estes critérios podiam ser irrelevantes, podendo escolher um mais jovem desde que fosse sábio e de um bom testemunho. Não existe critério para os diáconos, mas eram em geral jovens. Recomendava-se que o bispo fosse uma pessoa instruída.¹¹

¹¹ Orígenes lamentava-se por existir bispos, presbíteros e diáconos ignorantes em todos os aspectos.

Impedimentos para o exercício dos ministérios de bispo, presbítero e diáconos:

- Os recém-batizados (cf. 1Tm 3,6);
- Pessoas num segundo matrimônio (1Tm 3,4-5);
- Pessoas em condição de penitência pública;
- Pessoas que haviam recebido o batizado em caso de doença grave.

Segundo Inácio de Antioquia, os bispos são “imagens” (*typos*) ou “lugar” (*topos*) de Deus Pai, os presbíteros se modelam no colégio apostólico, enquanto os diáconos se modelam em Cristo: “... *procurai fazer tudo em conformidade com Deus, sob a presidência dos bispos que possuem o ‘posto’ de Deus e dos presbíteros que possuem o posto do colégio Apostólico e dos diáconos... aos quais foi confiada a missão de Jesus Cristo*”.¹²

4. LEITORES-EXORCISTAS-SUBDIÁCONOS-ACÓLITOS-OSTIÁRIOS

Leitores

Para os judeus, a leitura da Sagrada Escritura era um requisito básico na sua fé. O serviço sinagoga comportava desde o tempo do exílio, a leitura da lei mosaica e dos profetas (cf. At 13,27; 15,21; 2Cor 3,15). O episódio de Lc 4,16-22 descreve muito bem o serviço litúrgico sinagoga do sábado. Lucas nota também a posição tomada por Jesus: «*em pé*» para a leitura (4,16), «*sentado*» para o comentário (4,20). Vem mencionado ainda um auxiliar, ao qual Jesus entrega o rótulo bíblico depois da leitura. Não existiam leitores oficiais, todos podiam fazê-lo (cf. At 13,15).

Nas primeiras comunidades cristãs exigia-se também que as pessoas fossem capazes de ler nas reuniões comunitárias seja a Escritura do AT como do NT (1Ts 5,27; Col 4,16). Possivelmente, ao início, esta tarefa foi exercida pelos mestres e doutores que liam, explicavam e exortavam a partir do texto, atualizando-o à luz dos novos eventos (cf 1Tm 4,13). Leva-se

¹² ENRICO CATTANEO, *Ministeri nella Chiesa Antica*, 273-274.

em conta que os apóstolos são apresentados em At 4,13 como: «*homens iletrados e sem posição social*» ou seja, sem instrução e assim incapazes de ler ou escrever. Desta forma, é possível que recorressem a auxiliares para escrever e ler. São Paulo que era um homem letrado, recorria constantemente a algum secretário.

O ministério de leitor é mencionado pela primeira vez com Tertuliano, como ofício estável, auxiliando os bispos, presbíteros ou diáconos. São Cipriano (249-258) nos informa sobre a eleição, a função e o estado de leitor na Igreja de Cartago. Existiam dois graus de leitores: a) os que auxiliavam os presbíteros na preparação dos catecúmenos e b) os leitores propriamente ditos, instituídos pelo bispo. Muitos destes leitores instituídos posteriormente eram ordenados sacerdotes.

Na *Tradição Apostólica* adota-se o critério teológico, enquanto distingue expressamente entre os ministros ordenados, mediante a imposição das mãos, e aqueles instituídos, sem o rito da imposição. O leitor pertence a este segundo grupo. A instituição acontecia com a entrega da Sagrada Escritura pelo Bispo local.

Exorcista

A prática de exorcismo na Igreja vem a partir da prática do próprio Jesus. Os sinóticos apontam pelo menos cinco relatos de exorcismo (Mc 1,23-28 = Lc 4,33-37; Mc 5,1-20 = Mt 8,28-34 = Lc 8,26-39; Mc 7,24-30 = Mt 15,21-28; Mc 9,14-29 = Mt 17,14-21 = Lc 9,37-43; Mt 9,32-33 = Lc 11,4; Mt 12,22). Jesus também confere aos apóstolos o poder de expulsar os demônios (cf. Mc 3,15; 6,7.13; Mt 10,1.8; Lc 9,1; 10,17-20). O efeito do ato de Jesus é geralmente aquele de curar um doente (cf. Mt 17,18; Lc 9,42). No AT encontramos Paulo exorcizando em nome de Jesus (At 16,18) e os espíritos maus fugirem somente ao entrar em contato com objetos por Paulo tocado (At 19,12). É provável que em cada comunidade existissem um certo número de pessoas que em virtude de um carisma particular eram idôneas a este ministério. A *Tradição Apostólica* comenta que o catecúmeno, às vésperas do seu batizado, era exorcizado mediante a imposição das mãos do bispo e durante o rito do batismo era ungido com o óleo do exorcismo pelo presbítero. O exorcismo continua fazendo parte ainda hoje, dos sacramentos de iniciação cristã, durante os escrutínios preparatórios para a recepção dos três sacramentos (batismo, eucaristia e crisma).

Subdiácono-Acólito-Ostiário

As primeiras comunidades cristãs tiveram a preocupação de manter sempre o número de sete diáconos, contudo com o crescente número de comunidades e de atividades, estes diáconos receberam auxiliares chamados subdiáconos, também estes em número de sete. Os subdiáconos não recebiam a imposição das mãos, mas apenas eram instituídos para tal ministério. Este ministério surgiu por volta do ano 236/250 em Roma, durante o episcopado de Fabiano.

Neste período surge também o ministério de acólito. Não se sabe exatamente qual era a função dos acólitos, mas possivelmente auxiliavam no serviço caritativo e serviam como mensageiros.

Quanto aos ostiários, ou seja, os encarregados de cuidarem da acolhida durante as celebrações. Era um ministério não instituído para as igrejas do ocidente ou exercido pelos diáconos na Igreja oriental. Os ostiários tinham a função de acolher e dispor a comunidade durante a celebração mantendo a disciplina e orientando as pessoas.

CONCLUSÃO

A vida ministerial da Igreja primitiva manifesta a intensidade e vivacidade das primeiras comunidades. Sem dúvida, é sempre a ação do Espírito Santo suscitando respostas aos desafios da missão. A pluralidade ministerial tem sempre um ponto comum que é a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, ponto de partida e de chegada de toda a vida ministerial.

Nos dois mil anos de cristianismo, a vida ministerial da Igreja evolui, mas sem perder o seu caráter inicial. Esta evolução ministerial passa por uma tênue tensão entre os ministérios ordenados e não-ordenados, seja quanto a sua importância, seja quanto a sua função. Sendo os ministérios frutos do Espírito Santo tal tensão ajudou no processo de desenvolvimento, aprimorando e equilibrando as funções, que possíveis desequilíbrios criaram. Os desequilíbrios geraram conseqüências danosas para as dimensões pastorais e missionárias da Igreja. Contudo, a vida ministerial da Igreja nunca perdeu a sua dimensão de serviço generoso, para o bem da Igreja e do mundo.

Assim, como no início, o sopro do Espírito Santo fez surtir a rica e variada vida ministerial da Igreja como resposta efetiva aos diversos de-

safios impostos pela missão, o mesmo Espírito continua suscitando novas respostas aos desafios do nosso tempo, vinculando cada batizado num projeto de amor-serviço.

A missão da Igreja engloba todo batizado que é convocado pelo Espírito para a vida missionária seja ela local como universal. Todo batizado, é instrumento do amor de Deus, levando ao coração de cada pessoa humana, Jesus Cristo, a Palavra de Amor do Pai. O próprio Espírito Santo continua cooperando neste projeto missionário derramando dons e carismas e confirmando a obra que o Pai iniciou em Cristo Jesus.

A Igreja latino-americana goza, sem dúvida, de uma rica e intensa vida ministerial, cuja pastoralidade e missionariedade manifestam todo o seu vigor. Os ministérios ordenados e não-ordenados da Igreja latino-americana confluem em plena sintonia, mesmo que historicamente tensões se fizeram visíveis. Contudo, como o centro foi sempre o serviço generoso, tais tensões foram atenuados, permanecendo aquilo que é o essencial.

Os novos tempos conclamam a intensificar a vida missionária da Igreja. Este passo é possível graças a riqueza ministerial do nosso continente, onde homens e mulheres se sentem Igreja e com ela comprometidos. Rejeitando todo relativismo e fundamentalismo do nosso tempo, a Igreja é capaz de anunciar Jesus Cristo, razão e alegria de cada pessoa humana.

Prof. Dr. Pe. Gilvan Leite de Araújo

Professor na Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção/SP.

BIBLIOGRAFIA

- CATTANEO, E., org., *I Ministeri nella Chiesa Antica*, Paoline, Milano 1997.
- COVOLO, E., BERGAMELLI, F., ZOCCA, E., GRAZIA BIANCO, M., org., *Laici e laicità nei primi secoli della Chiesa*, Paoline, Milano 1995.
- BORRIELO, L., CARUANA, E., DEL GENIO, M.R., SUFFI, N., *Dizionario di Mistica*, Libreria Editrice Vaticana, Vaticano 1998.
- BORNKAMM, G., «πρέσβυς, πρεσβύτερος, πρεσβύτες, συνπρεσβύτερος, πρεσβιτέριόν πρεσβεύω», in *GLNT*, XI, 81-172.
- RENGSTORF, K.H., «διδάσκαλος», in *GLNT*, II, 1126-1155.
- OEPKE, A., «γυνή», in *GLNT*, II, 692-730.